

O TREM DA SAUDADE: CIDADE, FERROVIA E IDENTIDADE

TATIANA CARRILHO PASTORINI TORRES¹
ORIENTADORA MÁRCIA JANETE ESPIG²

¹ Universidade Federal de Pelotas – tatypastorini@gmail.com

² Márcia Janete Espig – marcia.espig70@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado em História que pretende analisar a relação entre memória e história na localidade de Olimpo, atual cidade de Pedro Osório, cujos traçados foram delineados pela expansão ferroviária. Esse contexto se mostrou rico em informações e possibilidades de análise da fronteira que, apesar de tênue, difere radicalmente a história da memória. Além disso, a pesquisa também busca fazer ponderações acerca de uma possível construção identitária em relação ao trem, abordagem específica dessa etapa do estudo.

O apito do trem de carga, que rompe frequentemente o silêncio das madrugadas na pequena cidade às margens do Rio Piratini, evoca as reminiscências de um passado ferroviário marcado pela ideia de avanço e modernidade. Lembranças de “outros tempos”, das idas e vindas de muitas pessoas carregadas com bagagens literais e figuradas. Sensação de movimento, progresso, inserção e conexão em escala mais abrangente. Memórias vivenciadas ou geracionadas de uma época “áurea” representada pelo trem como símbolo de desenvolvimento e “civilização”. A cidade é feita por escritas da memória sobre o espaço, cujos lugares são preservados ou destruídos de forma seletiva conforme o contexto vigente (POSSAMAI, 2010). Nela, as construções mnemônicas são “eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas” (RICOEUR, 2018, p. 157). Diante da passagem inexorável do tempo, pessoas e “suas coisas” (cultura material) deixam de existir e o que resta são informações fragmentadas nas mais diversas fontes ao longo do tempo, entre elas a memória.

De acordo com Le Goff (2013), a memória é essencial na construção da identidade. A formação identitária se modifica de acordo com as representações individuais ou coletivas, tanto pela ação do tempo quanto pela memória influenciada pelas “retóricas holistas”¹. Um processo de elaboração contínua de um estado, representação (CANDAU, 2012) ou de construção do sujeito em relação ao outro (PELEGRINI, 2009; POLLAK, 2002). Com base na memória, nas suas dimensões de lembranças e esquecimentos, a identidade é construída. Assim sendo, essa etapa da pesquisa se ocupa da análise e contraposição das memórias acerca do trem no passado do Olimpo, bem como seu lugar no presente.

¹ “O emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza o convênio, como isomorfos” (CANDAU, 2012, p. 29).

2. METODOLOGIA

No início da trajetória de pesquisa, o projeto pretendia trabalhar simultaneamente com fontes orais e escritas, mas o contexto de pandemia de Covid 19 trouxe uma realidade de distanciamento social, fechamento dos repositórios de fontes de pesquisa e restrições de deslocamento. Essa situação dificultou a execução da proposta, que precisou de adequação. A primeira etapa foi realizada com base em acervos e ferramentas digitais, tais como consulta às fontes disponibilizadas nos repositórios da Biblioteca Nacional Digital, Biblioteca do Senado Federal, Center for Research (EUA) e o Data for Financial History (FR). Relatórios, almanaques, mapas dos traçados e fotografias da ferrovia foram analisados em busca de informações e detalhes que possibilitassem a problematização entre memória e a história no delinear de uma cidade ferroviária. De forma complementar foi feita uma exploração a partir de um questionário estruturado no Google Forms que “possibilitou praticidade no processo de coleta das informações” (MOTA, 2019, p. 373) sobre as percepções individuais do espaço habitado, a construção de memórias, representações, imaginário e suas relações com a história local.

Na fase pós-pandemia, o estudo se voltou para a efetuação das entrevistas com moradores de Pedro Osório, a fim de registrar suas vivências e sinapses² no cotidiano da cidade. Essas narrativas representam grande relevância, uma vez que “contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória” (DELGADO, 2009, p. 22). Por outro lado, foram analisadas iniciativas de intervenções locais de preservação da memória ferroviária, como o projeto “Trem da Saudade”, uma série de entrevistas realizadas pelo radialista, repórter e produtor de eventos Cláudio Madruga Júnior³, cujo objetivo era a organização de um documentário sobre a memória ferroviária local.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra na fase final de coleta de dados e análise das fontes, por isso os resultados ainda são parciais. As questões elaboradas no Google Forms procuraram explorar as sinapses relacionadas ao pertencimento no qual a memória propicia o “fortalecimento da noção de continuidade que permite a sensação de estar ligado” (MELLO, 2016, p. 236) e as percepções individuais sobre a cidade. A análise dos vídeos do projeto “Trem da Saudade” demonstrou um processo de construção de identidade entre ex-ferroviários, seus familiares e “guardiães”⁴ locais da ferrovia. Mencionam que o “o trem era um patrimônio do

² Segundo IZQUIERDO (2007), sinapses são conexões entre as células nervosas, estimuladas pela repetição ou comprometimento emocional com a finalidade de construir as memórias. Seu uso e desuso resultam nas lembranças e esquecimentos.

³ Vitimado pela pandemia no início de 2021, não chegou a concluir seu objetivo. Recentemente, sua esposa, Nilza Elizabete S. Madruga, concedeu-me autorização para utilização dos vídeos produzidos por ele, publicados em <https://www.youtube.com/c/CanalDoMadruga/featured>, como fonte de estudo para fins acadêmicos.

⁴ Maneira como os saudosistas se identificam diante das suas iniciativas de preservar a história e memória ferroviária.

povo” (Benoni, ferroviário aposentado, 2020) e que a ferrovia trouxe o desenvolvimento para o Olimpo. Conforme as informações coletadas, o núcleo urbano se expandiu com a vinda dos trabalhadores ferroviários, oferta de empregos, crescimento do comércio, ponto de parada de viajantes, construção de vilas e escolas ferroviárias, inclusive o fornecimento inicial de luz na parte central.

Os depoimentos mencionam as condições difíceis de trabalho e os acidentes constantes na rede, mas ainda assim afirmam que a “cidade tinha movimento e a vida era boa” (Antônio, trabalhador braçal da ferrovia, 2020). Descrevem uma cidade “pulsante” com “brilho”, muita saudade e uma relação de pertencimento identificado nas palavras que contam sobre o orgulho de “ser ferroviário” e fazer parte da “família ferroviária”. Segundo Dona Nadir, viúva centenária de um ferroviário aposentado.

Aquela época era muito boa, muito ferroviário, muita amizade, tenho saudade daquele tempo [...] chegava 11h30min, quando o depósito apitava, aquela rua das Flor ficava cheia de ferroviário, era até bonito da gente ver, as famílias tudo unida, a gente se dava bem [...] no clube vinha as orquestras de fora [...] depois que os ferroviários saíram daqui já foi diferente tudo, o lugar ficou mais pobre, ficou mais difícil tudo (Nadir Fernandes, 2020)

As entrevistas realizadas até o momento corroboram para uma imagem do trem como propulsor da prosperidade e o encerramento das atividades ferroviárias como causa da estagnação local. Apontam um certo “apagamento” da história e da memória ferroviária em consequência da ausência de políticas públicas voltadas à preservação desse “patrimônio”. De acordo com o professor e historiador Marcelo Gil (entrevista, 2023), a cidade já possuiu uma identificação maior com o trem. Ele percebe claramente que muitos integrantes das novas gerações que hoje estão estudando na escola básica não sabem que o prédio da prefeitura foi uma estação ferroviária, em contrapartida às “gerações anteriores que tinham isso muito mais forte na memória”. No entanto, apesar do enfraquecimento, a identidade ferroviária ainda persiste. Para o seu José Eugênio (Juca do Basílio, 2023), “Pedro Osório teve tudo a ver com trem, ela nasceu com o apito do trem [...] mas essa cultura não foi mantida, ao contrário, ela foi extirpada ao longo do tempo, foi desmanchada, foi trocada [...] por falta de conhecimento das pessoas”. Outras entrevistas ainda serão realizadas em busca da contraposição das memórias do Olimpo, o período saudosista da “era ferroviária”, com as vivências do tempo presente em Pedro Osório.

4. CONCLUSÕES

Desde o cerrar definitivo das portas das estações de passageiros, a imagem do trem faz parte das construções mnemônicas dos moradores mais antigos de Pedro Osório, nas quais as lembranças de uma cidade próspera estão diretamente ligadas as suas sinapses e experiências afetivas. Por sua vez, os moradores mais jovens, que não vivenciaram o auge ferroviário, não possuem a mesma identificação com a figura do trem, mas ainda assim carregam, de forma acentuada ou tênue, certas memórias herdadas pelas narrativas geracionais. O contexto ferroviário e suas reminiscências estão inseridos na cidade que teve seu

traçado, ambiente, cotidiano e imaginário alterados após a chegada da linha férrea Rio Grande-Bagé.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. Associação Brasileira de História Oral, n.6, p. 9-25, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em 29 jul. 2023.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**: cérebro, memória e esquecimentos. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.8, n.19, p. 236-256, set/dez 2016.

MOTA, Janice da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades&Inovação**. Palmas, v.6, n.12, p. 371-380, ago 2019.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 2002, p. 200-212.

POSSAMAI, Zita Rosane. Cidade: escritas da memória, leituras da história. In: _____ (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2018.